

“Jogando contra a massificação que domina e aliena cada vez mais os assim chamados por eles de excluídos sociais e para nos certificar de que o povo da  
tenha sua colocação na história, e que não fique mais quinhentos anos jogado no limbo cultural de um país que tem  
nojo de sua própria cultura, a *Literatura Marginal* se faz presente para representar a cultura de um povo, composto  
de minorias, mas em seu todo uma maioria.  
E temos muito a proteger e a mostrar, temos nosso próprio vocabulário que é muito precioso, principalmente num país colonizado até os dias de hoje, onde a maioria não tem representatividade cultural e social (...).  
Mas , e já somos vários, estamos lutando pelo espaço para que no futuro os autores do gueto sejam também lembrados e eternizados, mostramos as várias faces da caneta que se faz presente na favela, e pra representar o grito do verdadeiro povo brasileiro, nada mais que os autênticos.”

FERRÉZ (Terrorismo Literário)



Literatura marginal

FERRÉZ (ORG.)

A

ORGANIZAÇÃO: FERRÉZ

# Literatura marginal

A  
AGIR

Talentos da escrita periférica

MARQUEZ

AGIR

AGIR

FERRÉZ

LUIZ ALBERTO MENDES

## Cela forte

Estava só com a ponta do nariz do lado de fora. Todo coberto, deitado na cama e lendo *Luzia Homem*, um romance que me prendia a atenção demais. Eram dezoito horas, aproximadamente, horário da troca de plantão dos guardas. A contagem passaria dali a instantes, e eu aguardava, como todo preso, pronto para ser contado. Almas concretas, densas até os ossos. É voz corrente que o preso só faz falta se não estiver na hora da contagem. No mais, é apenas número, inteiramente desprovido de importância.

Repentinamente a cela foi aberta, de sopetão. Cerca de dez guardas invadiram, todos armados de canos de ferro. Assustado, saltei da cama e coloquei-me de costas contra a parede, conforme mandava o regulamento. Fiquei ali em suspense, pronto para o pior. Um espasmo na garganta. Aquilo nunca acaba, nem por um segundo. Eles reviravam a cela de pernas para o ar.

– Abaixa o calção! Diz um dos guardas, raivosamente.

– Levanta o saco!

– Agacha!

– De novo! Me fez repetir o gesto três vezes. Eu parecia uma mola para baixo e para cima. Provavelmente pensavam que escondesse uma metralhadora, ou sei lá o que, no cu. Era extremamente humilhante. Me encolhi, com meu exército de palavras desmantelado e minha alma menos minha.

Determinaram, sem mais explicações, que eu me vestisse e os acompanhasse. Intimidado pelo ar ameaçador, caras patibulares e o cano de ferro na mão deles, mais que depressa os atendi. O frio doía nos ossos. Era inverno pintado a negro. Daqueles rigorosos invernos paulistas de há cerca de trinta anos atrás. Estávamos no maio de 1973. Por último, vesti japonsa grossa de lã. Peça do uniforme de presidiário da Penitenciária do Estado de São Paulo, naquele tempo.

– Acompanhe-nos! – vociferou o guarda do alto de sua superioridade e prepotência, mais uma vez.

Descemos ao porão. Alguns à minha frente e outros atrás. Era o setor das celas-fortes. Se bem que não conhecesse nenhuma cela “fraca” por ali. Dentro de uma das celas, mandaram que me despi-se. Não estava entendendo nada. Seguia apenas o que me era determinado, muito perplexo e assustado. Era recém-chegado à “ilha de pedra”, portanto fiquei nu instantaneamente, na defensiva, esperando o que viria a seguir. Umhas canadas de ferro, talvez. Mas por quê? Eu sabia que isso de motivo era fácil deles encontrarem. Há um ano eu vinha sendo espancado e jogado em celas-fortes a troco de qualquer coisa. Era um abismo, por dentro. Transbordava de meu corpo, rompendo todos os limites. Ardia a riscar de relâmpagos todas as tempestades.

Para minha surpresa, os guardas saíram chutando minha roupa. Quando me dei conta do que acontecia, a porta de aço foi violentamente batida em minha cara. Um cânion parecia abrir-se à frente de meu olhar.

Entrei em pânico. A cela estava nua como eu. As paredes eram úmidas, escorriam filetes de uma água grossa como óleo. Havia um húmus esverdeado decorando-as, quais margens da passagem dos rios de filetes. O chão era de caquinhos de cerâmica. A janela bloqueada por grossa chapa de ferro, com furos milimétricos para entrada do ar gelado, cortante. Do teto, em dois cantos, enormes teias de aranha. Na hora me assustaram. Eram grandes. Depois as abençoei. Minhas amigas do coração.

O frio fazia estremecer e arrepiar. Meus poros eriçaram. Os dentes ameaçaram bater. A visão coalhava, filtrando dores e sofrimentos possíveis.

Grudei na porta de ferro gelada, como se do buraco por onde os guardas nos espiavam pudesse vir alguma salvação. Meu coração estava aos pulos, corpo encolhendo e mente a mil. Não sabia o que pensar, o que estava fazendo ali?

Demorou eternidade, não aparecia mais ninguém. Então passou o guarda com a contagem. Como se ele se importasse, perguntei o que estava acontecendo. Por que me colocaram ali, pelado daquele jeito.

– Você está em regime de castigo! – respondeu com prazer.

O punhal de seus olhos me atravessava, cristalizado.

– Mas por que, não fiz nada...

– Ordens superiores.

E saiu andando, como se essa fosse toda a informação possível, deixando-me mais estupificado ainda. Ordens superiores! Mas que “superiores” são esses, que porra era aquilo?

Já ouvira falar sobre o regulamento da Casa. Os primeiros dez dias de quem entrava para o regime de castigo deviam ser cumpridos nu, sem absolutamente nada na cela. Só o preso. Parece que ouvia os passos da dor andando atrás de mim e sofri gelado, por entre os dentes.

Não podia ser. Com certeza havia algum engano. Nada fizera para ser jogado em tão absurda condição. Aquilo não estava acontecendo comigo. Comecei a andar de um lado para o outro na cela. Logo o engano seria descoberto e eu sairia, sem dúvida.

O frio fazia bater os dentes e tremer as pernas quando parava. O guichê caiu violentamente, me atirei contra ele. Era outro preso. O faxina. Estava distribuindo água, quer dizer, enchendo nossos copos de água. Seus olhos gulosos percorreram meu corpo desnudo. Fiquei envergonhado e muito ofendido. Calei-me. Toda minha capacidade de indignar-me estava agora recolhida. Só queria sobreviver.

– Como é seu nome?

– Carlão, que mora ali em frente, pediu para você tirar a água da privada, quer conversar contigo – disse o homem com sua voz cansada e pastosa.

– Você sabe por que estou aqui? – perguntei aflito.

– Não, mas esses dias sai publicado no Boletim Diário, então ficarei sabendo e te falarei. Tenha paciência e espere.

Sua voz era dura, como suas pupilas de aço.

Após pausa estudada e outra longa e humilhante lambida de olhos em meu corpo, disse-me:

– À noite vou te trazer um rolo de papel higiênico. De manhã apanho de volta. Os guardas do choque virão revistar todas as celas logo cedo.

Não entendi bem; o que tinha a ver papel higiênico com frio? Mas agradei e fui novamente agredido com aquele olhar libidinoso. Um dia eu me vingaria desse filho duma puta!, pensava. Estava vivo, mesmo que dentro daquele labirinto; ainda conseguia odiar mortalmente.

Atônito, sem jeito, foi a maior batalha para tirar a água da privada. Alguém já tentou? É muito difícil para quem não tem experiência. Mas assim que, cansado, comecei a vencer a luta com a água, o maior burburinho invadiu a cela. Vozes pontudas, arrastadas. Olha o mundo de volta!, percebi, surpreso.

– Quem é que esta ligando o telefone? – perguntou voz rude, entonando desconfiança, saindo de dentro da privada.

Questionou outra voz:

– Quem é você?

Relutante, enfiei a cara na “boca do boi” (privada) e dei meu apelido. Queriam saber por qual motivo eu viera para a cela-forte.

Eram os dois presos da cela-forte em frente à minha. Gente, que bom! Abri um largo sorriso. Os encanamentos daquelas privadas davam para uma única caixa de esgoto, que promovia a ressonância.

Diante da minha ignorância dos motivos, ambos não sabiam o que me dizer. Aquele de voz rude era o Carlão. Havia feito uma chacinha no pátio de recreação. Chegara dias antes de mim. Matara três presos e ferira gravemente mais meia dúzia. O outro era o Tico. Este matara dois presos na Casa de Detenção. Um desses baianinhos tinhosos que gostavam de meter a faca nos outros por qualquer motivo. Já conhecia a fama de matadores deles. Sabia quem era quem. Claro, estava plugado ao ambiente. A fama e o conceito de matadores, de certo modo, intimidava bastante. Ao contactá-los, se sabia que ao menor deslize por ali não haveria perdão. Era preciso ficar esperto com as palavras e não se mostrar intimidado, por mais que estivesse.

– Não esquenta a cabeça, maninho, estou condenado a mais de cinco anos só de cela-forte e estou aqui firmão. Você sai logo, não fez nada...

Carlão tentava me conformar. Acabou me assustando mais ainda. Cinco anos ali dentro, sem sair? Melhor morrer logo de uma vez.

Orientou-me para que, quando o Lauro (o faxina) me trouxesse o papel higiênico, enrolasse pelo corpo, qual fosse uma múmia. O segredo era fazer ginástica o tempo todo, me manter aquecido e cansar para conseguir dormir um pouco. Caso contrário, iria sofrer muito e havia risco de enlouquecer. Muitos enlouqueceram naquela cela-forte, diziam-me. Andar para lá e para cá, cantar, pular, gritar, eram alternativas. Não podia é ficar me masturbando como macaco. Minava as energias, estupificava e tirava o sono. De vez em quando, tudo bem, fazia parte. Era preciso sobreviver às sombras da noite e largas insônias.

– Vou ficar acordado a noite toda contigo. Chama sempre que quiser conversar. Estamos contigo, irmãozinho. O Tico ficará de dia, certo?

Logo apareceram outros companheiros, dos andares acima, que estavam em regime comum. O “boi” permitia a comunicação com dez celas acima. Havia solidariedade e companheirismo. Era

nosso fedorento e nauseabundo veículo de comunicação. Aquela era a parte mais nobre da cela. Só que era preciso ter estômago. Subia o maior cheirão de merda o tempo todo. A todo instante, vinha o barulho de descargas e o fedor se intensificava. Com o tempo, acostumava, diziam os outros. Achei difícil.

Todos queriam colaborar para minorar meu sofrimento. Não conhecia quase ninguém ali, mas minha posição, de estar ali nu e sofrendo o frio intenso, me fazia protegido de todos. Carlão mandaria um sabonete e um pedaço de linha. Ferramentas superúteis na “pescaria” via encanamento do esgoto.

O faxina trouxe o papel. Mal chegou e já me enrolei todo e fiquei ali, ao pé da privada, lamentando minha sorte. Desenrolava, pulava, corria, quando começava a suar enrolava tudo novamente para conservar o calor. Infinitos minutos mais velho, sofri aquela noite fechada em azul-escuro. Parecia não acabar mais.

Fiquei feliz quando o dia clareou pelos fios de luz solar que vinham da janela blindada, furando a escuridão. A vida tentava renascer, no dia premeditado. O faxineiro retirou o papel, serviu café ao leite quentinho e pão com manteiga. Delicioso! Quentinho... Que fome danada! Também, pulando a noite toda, só podia dar fome mesmo!

Logo atrás, vieram os brutamontes do choque, com toda a valentia que os caracterizava diante de um preso nu e indefeso.

Aprendi a amarrar a linha no sabonete e fazê-lo descer pelo esgoto. Lá das celas de cima, companheiros jogavam linha mais forte, com duas pilhas pequenas na ponta. Então se iniciava a pescaria nos encanamentos. As linhas se enroscavam, eu a puxava. A linha forte seria o condutor para cigarros, fósforos e drogas que vinham dos andares acima. A vida era dura, mas a gente resistia. O que seria de nós sem aquela santa privada...

No terceiro dia, fui informado, oficialmente, que havia sido condenado a seis meses de cela-forte e seis meses de castigo de cela comum, em regime de observação. O motivo era o homicídio que

cometera na Casa de Detenção cerca de seis meses atrás. Fora legítima defesa, como ficou provado em júri popular, posteriormente.

Já havia cumprido castigo de dois meses pela falta disciplinar. Era demais, a revolta me fez chorar. Ódio espesso corroía por dentro qual ácido quente. Era pior que a morte. Se morresse, pensava que, pelo menos, tudo se acabava. Ali tudo continuaria em dor. A fúria das chamas e a raiva de todos os ventos me avassalavam. Dominar-me era quase impossível. Um fio de seda conservava minha lucidez.

O frio era de matar. Havia três dias não dormia. Enrolado em papel higiênico (veneranda invenção!), deitava e desmaiava de cansaço. Dez minutos depois acordava todo congelado. Era preciso pular e correr para reaquecer. No máximo conseguia dormir trinta minutos. Acocorocava no canto da cela, coberto com um lençol de papel higiênico costurado. Carlão fazia o que podia. Entretinha-me em longas conversas para que não desesperasse. Meu anjo da guarda.

No oitavo dia já não suportava mais. Discuti com o guarda, fingi faltar o ar. Tossia como um cachorro louco. Implorei para ir ao médico. O homem ficou com dó de me ver tremendo, falando descompassadamente e concedeu, qual um rei, um seu favor.

Deram-me uniforme. Fui escoltado por dois guardas do choque, para o médico. Passei pela gaiola de ferro, e lá estava o Cirane, Chefe de Disciplina, e o Vigilante central. Ambos superagasalhados, me olhando. Invejei-os profundamente. Xaxu, um velho amigo, me alcançou e mesmo sob o olhar ameaçador dos guardas conversou comigo:

– Pô, meu, cê tá azul de frio!

Em seus olhos havia uma piedade profunda, quase chorava ao me olhar. Também quase chorei de dó de mim mesmo.

O médico, já alertado pelo companheiro que trabalhava no ambulatório, só de me olhar receitou injeção e determinou, por escrito, que minhas roupas e colchão me fossem entregues.

Saí do ambulatório feliz da vida. Não me tomariam as roupas

quentinhas que eu vestia, graças a Deus! Xaxu discutia com o Cirane. Chamava-o de desumano: todo de sobretudo, cachecol e touca, e o “menino” (eu tinha vinte e um anos) ali, roxo de frio. Dizia quase gritando, acintosamente, com o homem.

Ainda pude ver quando este saiu andando com passos duros e apressados para o lado da administração. Pensei fosse colocar o Xaxu no castigo também pela sua ousadia em intimá-lo. Fiquei muito preocupado.

Na cela, as roupas me foram tomadas novamente. Quis discutir. O médico havia autorizado a devolução de minha roupa! Fui ameaçado de ser espancado. Calei. Em segundos, congelei. Esperei e cheguei à conclusão de que o médico não possuía autoridade alguma. Xinguei aos berros. Filho da puta! Já entrando em paranóia total.

A porta se abriu:

– Cuidado com esse! Está desesperado!

Juntaram-se os guardas à porta para me ver chorar feito criança.

Em seguida, o faxina entrou na cela arrastando um colchão verde, minha coberta e minha roupa.

Em virtude da desumanidade daquele castigo, demonstrada pelo Xaxu ao Cirane, o Chefe de Disciplina exigiu do Diretor Penal sua imediata extinção. Nesse dia histórico, depois de anos de vigência e muito sofrimento, foi excluído do Regimento Interno, o castigo disciplinar dos dez dias nu.

Estava havia nove dias sem tomar banho e sem dormir direito. Coberto por um grosso cascão que, em parte, até protegia do frio. Daquele jeito mesmo, enrolei-me em deliciosos cobertores e desmaiei no colchão, chorando de alívio. Dormi dois dias seguidos. Nem para me alimentar queria acordar. Estava no paraíso e não queria mais nada.

Carlão também pôde dormir. Devo-lhe favores de valor inestimável, impagáveis. Inúmeras vezes ouviu meu desespero e me acalmou sempre. Foi morto pelo Choque de Polícia Militar na rebelião de 1987, na Penitenciária do Estado. Que Deus o tenha pelo bem que me fez!

LUIZ ALBERTO MENDES É ESCRITOR, AUTOR DOS LIVROS *MEMÓRIA DE UM SOBREVIVENTE* E *TESÃO E PRAZER – MEMÓRIAS ERÓTICAS DE UM SOBREVIVENTE*